



O programa Bolsa-Escola, criado pelo governo Cristovam Buarque, foi estudado pela pesquisadora Kátia Brasil, da Universidade Católica

# Pesquisas idênticas levaram a erro

170

No último domingo, o **Correio Braziliense** publicou, na primeira página do caderno **Cidades**, matéria que anunciava o fim progressivo do programa Bolsa-Escola e o lançamento do futuro programa da Secretaria de Educação do Distrito Federal, chamado Sucesso no Aprender. A secretária Eurides Brito, para explicar o fim do Bolsa-Escola, lançando no governo Cristovam Buarque, fundamentou seus argumentos em três pesquisas científicas. Uma do Instituto de Pesquisa Cesgranrio, uma da própria Secretaria de Educação e a terceira, finalmente, da Universidade Católica de Brasília.

Em nenhuma das três, era citado o nome da pesquisa ou do pesquisador. Essa foi uma das causas da confusão estabelecida desde então, quando uma pesquisadora da Universidade Católica de Brasília Kátia Brasil, que coordenava um estudo exatamente sobre a situação das crianças do DF em condições de risco, o impacto da escola em suas vidas e, também, a importância do programa Bolsa-Escola, reconheceu como sendo dela o estudo citado.

Ao ler a reportagem no jornal de domingo, ela ligou indignada para o **Correio** para deixar claro que seu estudo, levado adiante junto com outras três professoras da mesma universidade, não fundamentava qualquer argumento para o fim do Bolsa-Escola. Ao contrário, mostrava que o programa era importante, naquele momento, para manter a criança na escola.

Eram consistentes os argumentos que ela usou para mostrar que o estudo de fato lhe pertencia. Na matéria, foi publicado que 52% do dinheiro recebido pela família por manter as crianças na escola era usado para comprar comida. No estudo da equipe da pesquisadora Kátia Brasil, os números eram muito próximos: 53% das 15 famílias entrevistadas que recebiam um salário mínimo como benefício também usavam o dinheiro para

adquirir alimentos.

Além disso, pelas entrevistas com as mães dos bolsistas, Kátia e sua equipe constataram que muitas das crianças que trabalhavam antes do benefício deixaram de ir às ruas para ganhar dinheiro e passaram a se dedicar exclusivamente à escola. O número anunciado por Eurides Brito mostrava que uma em cada sete crianças trabalhavam antes de receber a bolsa. Depois de inscritos no programa, uma em cada quinze crianças continuavam trabalhando. Os resultados, segundo Kátia, eram muito próximos.

Kátia, quando ligou para a redação do **Correio**, estava certa de que o único estudo relativo à Bolsa-Escola em andamento na Universidade Católica de Brasília era o de sua equipe.

Não era. Kátia não sabia disso. Os dados equivalentes mostrados pela pesquisa (ainda não concluída e, portanto, não publicada) levaram a crer que, de fato, aquela era a pesquisa citada por Eurides Brito. O **Correio** publicou, então, na segunda-feira que a pesquisa da Universidade Cató-

lica, citada pela secretária Eurides Brito, não sustentava qualquer argumento favorável ao fim do programa. O **Correio** não ouviu, na ocasião, a secretária de Educação a respeito desta pesquisa de Kátia.

De fato, não sustentava. Era outra a pesquisa apontada por Eurides. Na verdade, o trabalho anunciado era da professora Maria Therezinha de Lima Monteiro, também da Universidade Católica de Brasília, que havia tomado conhecimento no início deste ano de uma licitação anunciada pela secretaria para que se realizasse uma pesquisa sobre o impacto do programa Bolsa-Escola no DF.

Com conhecimento da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da universidade, Therezinha apresentou a proposta em abril e venceu. Kátia nunca ficou sabendo de tal licitação. "Se soubesse, concorreria", disse Kátia ontem ao **Correio**. O pró-reitor da área, Ivan Rocha, havia assumido o cargo na universidade em 25 de março, pouco tempo depois do anúncio da licitação. Ele diz que não tinha, até então, co-

nhecimento do estudo de Kátia e, inclusive, ajudou Therezinha a elaborar os itens da pesquisa para fazer a proposta de orçamento.

Até o último domingo, ambas as pesquisas correram normalmente. Kátia não sabia da de Therezinha. Therezinha não sabia da de Kátia. No último domingo, pelo **Correio**, Kátia reconheceu como sendo seu o estudo — que, na verdade, não era o dela. Sustentou, ainda indignada com a má interpretação dos resultados prévios, que aquele era seu trabalho. As pesquisadoras são de departamentos diversos da universidade. Kátia está vinculada à graduação da Psicologia e Therezinha à pós-graduação da Educação.

Apenas na segunda-feira, perto de 10h, tomou conhecimento de que aquela pesquisa, que tanto se parecia com a dela, poderia ser de outra pesquisadora. Soube disso por meio do pró-reitor Ivan Rocha. Quando todos os jornais já estavam nas bancas e nas casas dos leitores. Foi publicado, ainda que bem fundamentados pelos números do estudo de Kátia, um texto equivocado.